



ERP0131 - Educação e Sociedade

Prof. Dr. Wanderlei Oliveira

Relações entre saúde e educação



SKY

Articulação entre os saberes

Numa sociedade de direitos: a amplitude da intersectorialidade



O conceito de intersetorialidade

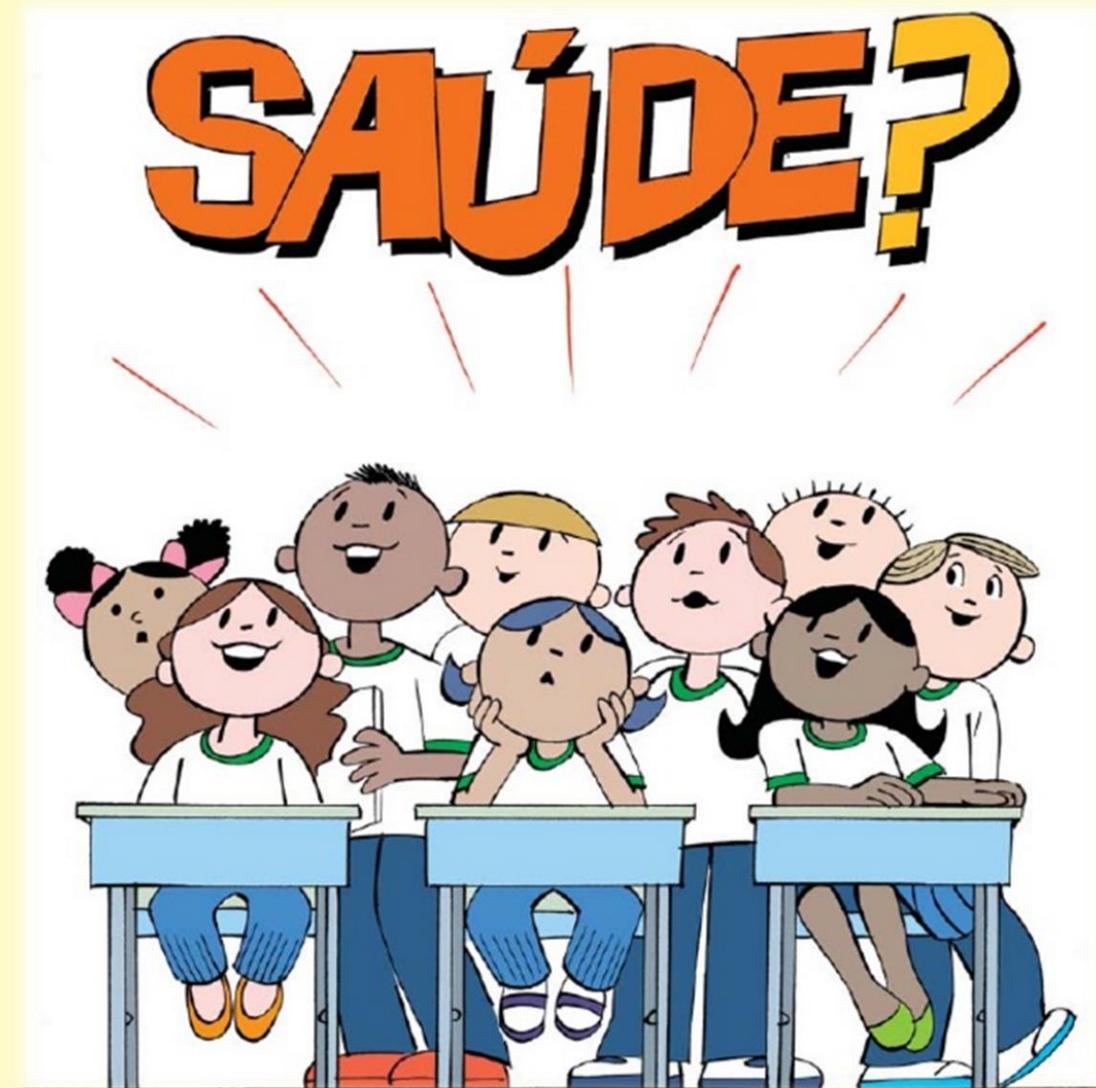


Sistemas
constituídos e que
possuem a
perspectiva da
intersectorialidade e
dos direitos



- Saúde e Educação: uma perspectiva de integração;
- Saúde e a educação: direitos fundamentais;
- Limites estabelecidos pelos espaços que respondem ou pela saúde, ou pela educação;
- Reflexões em relação à necessidade de políticas e/ou programas públicos que consigam romper com tais limites, avançando em busca de concretizar ações intersetoriais e integrais efetivas.

E a escola nesse debate?



A escola:

A EDUCAÇÃO E A SAÚDE DEVEM ESTAR JUNTAS NA ESCOLA!



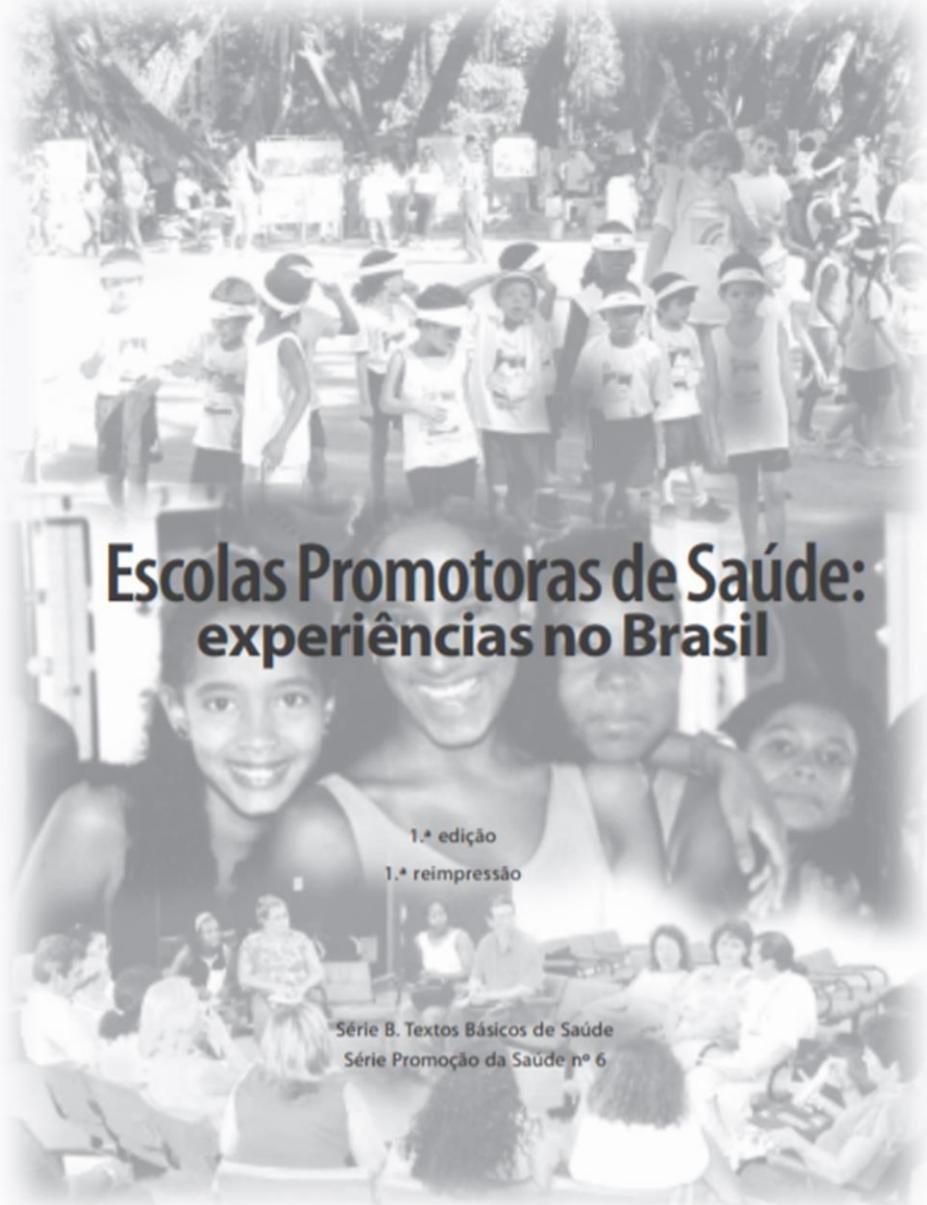
- Instituição do processo de escolarização e educação;
 - Escola como espaço para o desenvolvimento;
 - Sistema de Johann Peter Frank (Alemanha – 1779);
- Identificação do espaço escolar como *lócus* fundamental de prevenção de doenças e promoção da saúde permanente;
- Higienização, normatização e socialização dos corpos.

(CASEMIRO et al., 2014; FIGUEIREDO et al., 2010)



Saúde escolar: o que representa a opção pela Promoção da Saúde?

MINISTÉRIO DA SAÚDE
ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE



Escolas Promotoras de Saúde: experiências no Brasil

1.ª edição

1.ª reimpressão

Série B. Textos Básicos de Saúde
Série Promoção da Saúde nº 6

BRASÍLIA – DF
2007

Programa

saúde

na
escola



Alguns desafios para a promoção da saúde na escola

- **Participação:** ênfase na participação ampla nas diversas etapas dos projetos e ações, com definição de papéis e responsabilidades;
- **Intersetorialidade:** políticas públicas fortemente setorializadas e compartimentadas e necessidade de cuidar para que a proposição de políticas públicas saudáveis não determine condição de subordinação de outras áreas.
- **Interdisciplinaridade:** o reconhecimento do processo saúde-doença como complexo e multifatorial.
- Estratégias educativas desenvolvidas sob a ótica da promoção da saúde sempre intencionam fortalecer a autonomia, o *empowerment*, e têm como ponto de partida o diagnóstico local, a valorização das diferentes potencialidades e saberes, a consolidação do SUS e a emancipação de pessoas, grupos e comunidades.

O estudo de Penso e colaboradores (2013)

A relação entre saúde e escola: percepções dos profissionais que trabalham com adolescentes na atenção primária à saúde no Distrito Federal'

Health and School: Perceptions of this relationship by Primary Health Care professionals working with teenagers in the Federal District

Maria Aparecida Penso

Doutora em Psicologia. Professora do Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Brasília e Psicóloga da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

Endereço: Rua 08, Chácara 214, Casa 17, Vicente Pires, CEP 72110-800, Taguatinga Norte, DF, Brasil.

E-mail: penso@ucb.br

Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

Doutora em Psicologia. Professora da Pós-graduação em Educação e do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília.

Endereço: UNB-Colina, Bloco H, Apto. 304, CEP 709010-900, Brasília, DF, Brasil.

E-mail: katia@ucb.br

Alessandra da Rocha Arrais

Doutora em Psicologia. Professora do Mestrado em Gerontologia e Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília. Psicóloga Clínica e Hospitalar.

Endereço: SHIS QI- 16, Conj 02, Casa 32, CEP 71640-220, Brasília, DF, Brasil.

E-mail: arrais@ucb.br

Silvia Renata Lordello

Doutora em Psicologia. Professora da Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília e Psicóloga da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

Endereço: SMPW -16, Conj 06, Casa 02, CEP 71745-160, Brasília, DF, Brasil.

E-mail: srlordello@terra.com.br

Resumo

A comunidade científica tem reconhecido a necessidade e a importância de investimentos de pesquisas na área da saúde dos adolescentes. Este artigo se propõe a discutir a relação entre saúde e escola na percepção dos profissionais que trabalham com adolescentes na atenção primária à saúde no Distrito Federal (DF). Foram entrevistados 13 profissionais de saúde que atendem adolescentes, e atuam no Programa de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes (PRAIA), em dois centros de saúde onde funcionava o Programa, localizados nas duas regiões de menor IDH do DF. Essas foram transcritas e submetidas à análise construtiva-interpretativa, que permitiu a construção de duas zonas de sentido, assim denominadas: 1) a saúde precisa ir à escola, mas estamos paralisados; 2) o desconforto dos profissionais com a forma como as demandas são formuladas pela escola. Essas revelaram que existe uma grande dificuldade de integração entre os profissionais das áreas de educação e saúde. Os principais obstáculos apontados concentram-se no excesso de burocracia, na falta de tempo, escassez e sobrecarga dos profissionais e o despreparo para construir ações integradas, tanto da saúde quanto da educação. Apesar da existência de políticas públicas que preconizam a ação conjunta de diferentes esferas do governo, no caso a saúde e a educação, tendo como centro o adolescente, ainda precisam ser incorporadas pelos profissionais. Assim, a pesquisa constatou o distanciamento temporal entre os documentos oficialmente instituídos e a criação

Integração saúde e escola

“Todas as vezes que a gente é convidado pra ir à escola a gente divulga o programa, como é que se faz para poder estar inserido dentro do programa do PRAIA [...]Olha, eu acho que a gente considera muito positiva essa participação quando a gente vai nas escolas” (Suj. 7).

“É uma troca, a gente vai lá e pede pra eles mandarem os estudantes pra cá. Eles vem aqui, pedem pra gente ir lá fazer palestra. É um trabalho de troca, o nosso posto é um ponto de referencia” (Suj. 10).

Obstáculos

“...eu não posso deixar de atender para ir à escola. Sabe, é uma coisa oficial: tem que pedir oficialmente, formalmente, meu chefe me libera, eu vou lá” (Suj. 8).

“...quando a escola não dá conta ou manda pro conselho tutelar ou manda pra cá pra gente” (Suj. 5).

Demandas da escola VC propostas das equipes

“... essa demanda de chegar aqui sem querer saber o que a gente faz, saber das nossas possibilidades também e chegam já querendo um palestrante com um tema predeterminado e usando essa palavra ‘palestra’... A minha dificuldade é quando eles vêm querendo que a gente absorva toda essa demanda da questão de saúde e acham que a gente vai ter pernas pra isso” (Suj. 2).

“... a escola envia um relatório dos alunos que têm déficit e encaminham pra nossa sala do adolescente... A gente tem uma relação bem direta” (Suj. 3).

O resultado

“... eu acho que a gente considera muito positiva essa participação quando a gente vai nas escolas; o adolescente, ele participa ativamente dos grupos, a gente faz oficina sobre conhecimentos do corpo, oficina sobre projeto de vida, oficina de divulgação do programa do PRAIA aqui, como ele funciona. Eu considero que é uma participação muito positiva” (Suj. 7).

Referências

- CASEMIRO, J. P. et al. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 829-840, 2014.
- FIGUEIREDO, T. A. M. et al. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 15, n. 2, p. 397-402, 2010.
- GOULART, R. M. M. Promoção de saúde e o programa escolas promotoras da saúde. **Caderno de Saúde**, v. 1, n. 1, p. 5-13, 2006.
- PENSO, M.A. et al . A relação entre saúde e escola: percepções dos profissionais que trabalham com adolescentes na atenção primária à saúde no Distrito Federal. **Saude soc.** São Paulo, v. 22, n. 2, p. 542-553, 2013.